

ENUNCIÇÃO MEDIATIZADA NA IMPRENSA PORTUGUESA E BRASILEIRA: UM ESTUDO DE CASO

TERESA OLIVEIRA

(Universidade Nova de Lisboa / CLUNL/
Instituto Politécnico de Portalegre / C3i)*

ABSTRACT: Journalists often need to use linguistic means that exempt them from a commitment to the truth of the statements made, either as a way to ensure the objectivity of discourse, either by ethical and legal requirement. The strategy most commonly used to mark the distance and consequent disengagement of the enunciating subject towards their statements is the presentation of the facts as reported, i.e., as validated by another enunciative source. This strategy falls within the construction of mediated enunciation.

From a corpus of online news of Portugal and Brazil, about a recent issue of great impact, the current study aims at making a contrastive analysis of the strategies of mediated enunciation currently in use in both the Portuguese press and the Brazilian press, in particular the use of future and conditional verb forms.

KEYWORDS: mediated enunciation; future; conditional; journalistic discourse; European Portuguese; Brazilian Portuguese

1. Introdução

O texto do género notícia está intrinsecamente ligado ao domínio da informação nova, sobre acontecimentos recentes, ou mesmo em curso, cujos contornos estão, por vezes, ainda mal definidos. Por esse motivo, o jornalista vê-se, frequentemente, na necessidade de usar meios linguísticos que o isentem do compromisso com a verdade das afirmações produzidas, quer como forma de assegurar a objetividade do discurso, quer por imposição deontológica e legal. De entre eles, o meio habitualmente mais utilizado para marcar o distanciamento e a consequente desresponsabilização do sujeito enunciativo em relação à validação do conteúdo noticiado consiste na apresentação dos factos como relatados, ou seja, como validados por outra fonte enunciativa.

* Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/LIN/UI3213/2014.

Esta forma de marcação enquadra-se na construção da enunciação mediaticizada (cf. Guentchéva, ed., 1996).

Pretende-se, neste trabalho, apresentar uma análise contrastiva das estratégias de mediatização do discurso atualmente em uso na imprensa portuguesa e na imprensa brasileira. Para esse fim, parte-se de um *corpus* de notícias da imprensa *online* de Portugal e do Brasil, sobre um assunto recente de grande impacto, procurando analisar a forma como foi trabalhada linguisticamente a informação, emanada, na sua maior parte, das agências noticiosas internacionais.

O ponto central da análise prende-se com a comparação dos usos e valores das formas de futuro e de condicional no chamado uso jornalístico, nas duas variantes do português.

2. O futuro e o condicional em uso jornalístico

O uso jornalístico das formas verbais é habitualmente abordado no âmbito dos estudos da evidencialidade indireta (cf. Willett, 1988), na medida em que identifica a fonte da informação com um relato de uma outra origem enunciativa. A questão da alteridade enunciativa é central, na medida em que delimita uma distância subjetiva, o que faz deste uso particular destas formas um caso de estudo, igualmente, no âmbito da enunciação mediaticizada, ou mediativo. O mediativo é assumido, por Guentchéva, entre outros autores, como a categoria gramatical que indica que o enunciador faz referência a situações pelas quais ele não assume a responsabilidade, por ter tido conhecimento delas por via indireta, o que lhe permite manifestar diversos graus de distância em relação ao conteúdo da sua própria mensagem, e permite ao coenunciador pôr em questão, refutar o conteúdo da mensagem (cf. Guentchéva, 1996: 11).

O estudo do mediativo abarca a enunciação de factos relatados, de factos inferidos e de factos de surpresa, na medida em que é comum a todos eles a marcação de uma distância subjetiva, através da atribuição da informação a uma outra fonte subjetiva ou a um raciocínio do sujeito enunciador origem.

Na língua portuguesa, quer as formas de condicional quer as de futuro podem ser usadas para exprimir factos inferidos, como nos seguintes exemplos:

- (1) a. Seriam umas seis horas, mas era já noite.
b. Teria ouvido mal, mas aquela revelação não lhe saía da cabeça.
- (2) a. São 7 horas: o João já estará em casa.
b. São 7 horas: o João já terá chegado ao destino.

Em qualquer um dos casos, as ocorrências de condicional e de futuro podem ser parafraseadas por construções com verbos modais: *deviam ser umas seis horas, devia ter ouvido mal, já deve estar em casa, já deve ter chegado*. Esta possibilidade de paráfrase evidencia a dependência do uso

inferencial em relação à modalidade epistémica: a informação baseada num raciocínio subjetivo está fortemente ligada a uma avaliação de probabilidade.

Por outro lado, tanto o condicional como o futuro podem ser usados, em uso jornalístico, como marcadores de factos relatados. Note-se que este uso do condicional é amplamente conhecido nas línguas românicas (cf., entre outros autores, Azzopardi, 2011; Dendale, 1993, 2012; Haillet, 2002; Kronning, 2002; RAE, 2009: 1782, 1794-1795); já no que diz respeito ao futuro, este uso é, aparentemente, exclusivo do português (cf. Squartini, 2001: 319; 2004: 69), e, em particular, da variante europeia. Assim, no português europeu, o futuro pode ser marcador de valores mediativos, referindo factos inferidos e factos relatados; no português do Brasil, o futuro apenas se usa como marcador de factos inferidos. Deste modo, enquanto as construções em (3) e (4) são comuns no português europeu (PE), o português do Brasil (PB) apenas reconhece (3):

- (3) a. No refeitório estariam cerca de 200 pessoas. (PE+PB)
- b. O recuso ter-se-ia aproveitado de um momento de distração dos guardas. (PE+PB)
- (4) a. O fugitivo estará atualmente em lugar incerto. (PE)
- b. O evadido terá atacado um guarda. (PE)

Em qualquer um dos casos, os enunciados não comportam qualquer avaliação de probabilidade, mas apenas um distanciamento subjetivo entendido como a atribuição da informação a uma outra fonte enunciativa (parafraseável, por exemplo, por *segundo as autoridades,...*).

Esta assimetria no uso das formas de futuro e de condicional, nas duas variantes do português, esteve na base da análise que se pretendeu levar a cabo.

3. Estudo de caso

O estudo realizado centrou-se na comparação dos usos e valores das formas de futuro e de condicional em uso jornalístico, ou seja, como marcadores de factos relatados, nas duas variantes do português. O *corpus* de trabalho foi constituído por uma coleção, criada especificamente para o efeito, de notícias da imprensa *online* de Portugal e do Brasil, nomeadamente, dos jornais *Público*, *Diário de Notícias (DN)*, *Folha de São Paulo (FSP)* e *O Globo*, sobre o rescaldo dos atentados à bomba na meta da maratona de Boston, em abril de 2013, com a consequente identificação e perseguição dos principais suspeitos, os irmãos Tamerlan e Dzhokhar Tsarnaev.

A coleção é composta por 30 textos da imprensa portuguesa (13.032 palavras) e 40 da imprensa brasileira (17.211 palavras). O conteúdo informativo é, maioritariamente, proveniente das agências noticiosas internacionais e era atualizado em tempo real. Por esse facto, alguns conteúdos foram retomados e repetidos com alguma frequência, com formulação idêntica ou não.

3.1. Imprensa portuguesa

No que diz respeito à imprensa portuguesa, verifica-se, nos textos em análise, o uso frequente das formas de condicional e de futuro (destacadas a negrito), assim como de fórmulas introdutórias do discurso relatado (sublinhadas), como nos seguintes excertos:

- (5) Estão à procura de um suspeito de origem russa que já foi nomeado: Dzhokhar A. Tsarnaev, 19 anos (o outro atacante **seria** o seu irmão, Tamerlan). A imprensa americana diz que **serão** originários da Rússia, de uma região perto da Tchetchénia. (...) O “suspeito n.º 1”, que aparecia nas imagens divulgadas pelo FBI com óculos escuros e boné preto, está morto, confirmou a polícia. (...) O homem **terá morrido** no hospital de Beth Israel, com vários ferimentos. (...) o segundo conseguiu entrar num veículo da polícia e fugir. As autoridades não têm a certeza se o suspeito **terá deixado** este carro e **seguido** a pé, ou se **terá conseguido** seguir a fuga noutra carro. (*Público*, 19/04/2013)
- (6) Tamerlan Tsarnaev (...) **terá namorado**, algures entre 2008 e 2009, com uma rapariga “meio portuguesa, meio italiana”, segundo o próprio disse nessa época. (...) Segundo algumas fontes, Tamerlan **terá sido interrogado** pela polícia sob acusação de ter agredido a namorada naquele ano. (...) De acordo com o seu perfil no YouTube, ela **ter-se-ia convertido** ao islão. Mas a mulher com a qual era casado Tamerlan não **seria** a namorada de há quatro anos. (*DN*, 19/04/2013)

Conforme demonstrado em Oliveira (2013: 87), as quatro formas em causa (futuro simples, futuro composto, condicional simples e condicional composto) constroem, no enunciado, valores específicos, na construção dos quais se cruzam diversas categorias: mediativo, modalidade, tempo e aspeto. Cada uma das formas funciona, consistentemente, como a versão mediativa de outros tempos verbais do modo indicativo, conforme as seguintes correspondências:

com valor mediativo	futuro simples	futuro composto	condicional simples	condicional composto
sem valor mediativo	presente	pretérito perfeito	pretérito imperfeito	pretérito mais-que-perfeito

Quadro 1: Correspondência entre formas verbais com e sem valores mediativos

Desta forma, é possível estabelecer equivalências, ao nível do conteúdo proposicional dos enunciados, entre as ocorrências em (5) e (6) e, respetivamente, as de (7) e (8):

- (7) a. o outro atacante (seria) **era** o seu irmão, Tamerlan
 b. a imprensa americana diz que (serão) **são** originários da Rússia
 c. o homem (terá morrido) **morreu** no hospital

- d. as autoridades não têm a certeza se o suspeito (terá deixado) **deixou** este carro e (seguido) **seguiu** a pé, ou se (terá conseguido) **conseguiu** seguir a fuga noutra carro
- (8) a. Tamerlan Tsarnaev (terá namorado) **namorou** com uma rapariga
 b. Tamerlan (terá sido) **foi** interrogado pela polícia
 c. ela (ter-se-ia convertido) **tinha-se convertido** ao islão
 d. a mulher com a qual era casado Tamerlan não (seria) **era** a namorada de há quatro anos

Por outro lado, o exercício oposto obtém resultados igualmente válidos, ou seja, a substituição por formas de futuro e condicional permite que os enunciados mantenham o mesmo conteúdo informativo, mas acrescentado de valor mediativo:

- (9) Os dois irmãos **eram** muçulmanos de origem tchetchena. A família Tsarnaev **recebeu** asilo político nos Estados Unidos há uma década, por causa do conflito entre a Tchetchénia e a Rússia. O mais velho, Tamerlan, **tinha** 15 anos e o mais novo, Dzhokhar, oito. (...) Mas Dzhokhar também **era** um cidadão americano desde Setembro do ano passado. E Tamerlan **tentara** naturalizar-se americano, mas uma ocorrência de violência doméstica no passado não o **permitira**. (*Público*, 28/04/2013)
- (10) a. os dois irmãos (eram) **seriam** muçulmanos de origem tchetchena
 b. a família Tsarnaev (recebeu) **terá recebido** asilo político
 c. o mais velho, Tamerlan, (tinha) **teria** 15 anos
 d. Dzhokhar também (era) **seria** um cidadão americano
 e. Tamerlan (tentara) **teria tentado** naturalizar-se americano
 f. uma ocorrência de violência doméstica no passado não o (permitira) **teria permitido**

Os excertos em análise ilustram a distribuição destas quatro formas verbais no português europeu e os diferentes valores que lhes estão associados. Conforme conclusões de Oliveira (2013: 98-99), a primeira distinção entre o futuro e o condicional põe-se em termos temporais: as formas de futuro marcam a localização da situação do enunciado em relação ao tempo de enunciação origem, quer por simultaneidade (*eles serão/são originários da Rússia*), quer por anterioridade (*o homem terá morrido/morreu no hospital*). Por seu lado, o condicional localiza o processo em relação a um outro localizador temporal (abaixo, entre parênteses retos), por sua vez anterior ao tempo de enunciação origem (*o outro atacante seria/era [quando estava vivo], o seu irmão; ela ter-se-ia convertido/tinha-se convertido ao islão [de acordo com o que foi revelado no seu perfil no YouTube]*).

Vejam-se, ainda, os seguintes enunciados, relativos a um mesmo facto:

- (11) Os investigadores estão ainda a analisar uma viagem de Tamerlan à Rússia, em que o suspeito **terá visitado** a região do Norte do Cáucaso, de onde era originário (...). (*Público*, 23/04/2013)

- (12) Segundo o jornal *The New York Times*, o pai de Tamerlan disse que o filho **teria viajado** para renovar o passaporte. (*Público*, 21/04/2013)

A informação sobre a viagem do suspeito é assertada apenas em (11); em (12), é dada uma explicação para a viagem, que é apresentada como um pré-construído e localizada em relação à locução do pai, sendo que este processo é localizado temporalmente como anterior ao tempo da enunciação origem (“disse”). Na prática, o enunciado (12) comporta uma sucessão de relatos, marcados por relações de anterioridade: o *Público* diz que o *NYT* disse que o pai do suspeito disse que ele foi renovar o passaporte, razão pela qual tinha viajado.

Outra categoria relevante na distinção entre futuro e condicional é o aspeto: as formas simples são usadas com predicados estativos (*serão originários da Rússia; o outro atacante seria o seu irmão*), enquanto as formas compostas se empregam com situações não estativas (*Tamerlan terá sido interrogado; ela ter-se-ia convertido*).

A distinção entre futuro e condicional tem, igualmente, consequências a nível modal, na medida em que a localização do condicional em relação a um localizador temporal translato confere-lhe, numa escala de valores assertivos, um grau de incerteza, o que não sucede com o futuro, que é localizado em relação ao tempo da enunciação.

Em termos mediativos, a localização em relação a um localizador subjetivo translato dota estas formas de um valor de distanciamento em relação à validação das predicções subjacentes. É precisamente o uso de retoma do futuro e do condicional que torna mais clara a distinção entre valor mediativo e valor modal epistémico (sobre esta questão, cf., igualmente, Martins, 2010: 242; Giomi, 2010: 193).

Por outro lado, se tivermos em conta o uso destas formas em textos concretos, a sua ocorrência preferencial em textos do género notícia tem como consequência a maior frequência das formas compostas, que exprimem eventos, em detrimento das formas simples, que denotam situações estativas. Igualmente, por servir para relatar factos, o futuro composto é mais frequente, em textos noticiosos, que o condicional composto (cf. também Duarte, 2009). Neste género textual, os factos relatados são também mais frequentes que os factos inferidos.

3.2. Imprensa brasileira

No que diz respeito à imprensa brasileira, na ausência de formas de futuro como marcadores de factos relatados, os valores mediativos em causa são marcados pelo condicional (destacado a negrito) e por diversas fórmulas introdutórias de discurso relatado (sublinhadas). Por outro lado, verifica-se uma utilização de formas verbais do modo indicativo, como o presente, o pretérito perfeito e o imperfeito (sublinhado duplo), sem valor mediativo, pouco comuns, no português europeu, neste tipo de contextos:

- (13) Os dois suspeitos do ataque com bombas em Boston são os irmãos Dzhokhar A. Tsarnaev, de 19 anos, e Tamerlan Tsarnaev, de 26 anos, afirmou na sexta-feira um funcionário da área de segurança dos EUA. (...) O irmão mais velho morreu em um tiroteio com a polícia, e o mais novo estava sendo procurado em uma caçada deflagrada em Watertown, nos arredores de Boston. (...) Os irmãos estavam nos Estados Unidos há vários anos, disse a autoridade norte-americana. (*O Globo*, 19/04/2013)
- (14) De acordo com informações do FBI, o perfil anteriormente exibia imagens do jovem exibindo armas de fogo, mas as imagens **teriam sido** posteriormente **apagadas**. (...) De acordo com as autoridades, os dois são irmãos, vivam [sic] nos Estados Unidos desde 2002 e são de origem tchetchena. (*Folha de São Paulo*, 19/04/2013)
- (15) Suspeitos de terem cometido o atentado com bombas no final da maratona de Boston, na segunda-feira, os irmãos Tamerlan e Dzhokhar Tsarnaev, **estariam** nos Estados Unidos há cerca de dez anos em situação legal. Os dois **seriam** de origem chechena e chegaram no país aparentemente pela Turquia. (*O Globo*, 19/04/2013)
- (16) Segundo a imprensa, os irmãos eram da Tchetchênia –região separatista da Rússia de maioria islâmica– e viviam nos EUA legalmente. (*FSP*, 19/04/2013)
- (17) Durante a fuga, Tsarnaev **teria atropelado** seu próprio irmão, que tinha sido baleado pela polícia, segundo fontes do jornal local “Boston Globe”. (...) Uma equipe da Swat se uniu aos policiais e revistam casa por casa. Através de um alto-falante, ordenaram a retirada de todos que estivessem na residência onde **estaria** o suspeito. (*O Globo*, 19/04/2013)

Estes exemplos são demonstrativos da forma como a imprensa brasileira utiliza os recursos mediativos. Se tivermos em conta que grande parte da informação foi traduzida ou adaptada dos conteúdos difundidos pelas agências noticiosas, em língua inglesa, mais clara se torna a diferença entre as opções linguísticas da imprensa brasileira e da portuguesa.

Constata-se, nos exemplos acima, que, no português do Brasil, o futuro não é usado para referir factos relatados. Os jornais brasileiros utilizam, preferencialmente, fórmulas introdutórias de discurso relatado, a par das formas de condicional. As fórmulas introdutórias justificam a maioria das ocorrências de formas verbais do modo indicativo sem valor mediativo. Por seu lado, o condicional neutraliza as oposições verificadas no português europeu. Note-se que, sobretudo no caso de processos não estativos, não é claro a que tempo verbal corresponderia a maior parte das ocorrências de condicional, segundo a distribuição das formas verbais aferida para o português europeu (entre parênteses retos). No caso das situações estativas, a morte de um dos irmãos bloqueia a possibilidade de paráfrase com o presente:

- (18) a. as imagens **teriam sido** posteriormente **apagadas**. [tinham sido/foram apagadas]
 b. os irmãos Tamerlan e Dzhokhar Tsarnaev, **estariam** [estavam] nos Estados Unidos há cerca de dez anos
 c. os dois **seriam** [eram] de origem chechena
 d. Tsarnaev **teria atropelado** [tinha atropelado/atropelou] seu próprio irmão
 e. a residência onde **estaria** [estava/está] o suspeito

4. Conclusões

Este estudo mostra que as estratégias de mediatização enunciativa apresentam diferenças entre as duas variantes do português: a imprensa portuguesa recorre amplamente às formas de futuro e de condicional no chamado uso jornalístico, enquanto os jornais escritos na variante brasileira, que não reconhece esse valor ao futuro, utilizam, preferencialmente, fórmulas introdutórias de discurso relatado, a par com as formas de condicional.

O quadro 2 oferece uma panorâmica do número e da percentagem de ocorrências das formas de futuro e de condicional nos textos analisados:

	PE: 30 textos, 13.032 palavras	PB: 40 textos, 17.211 palavras
Futuro factos relatados	52 (0,39 %)	0
Futuro outros valores	24 (0,18 %)	29 (0,16 %)
Condicional factos relatados	16 (0,12 %)	28 (0,16 %)
Condicional outros valores	9 (0,06 %)	18 (0,10 %)

Quadro 2: Ocorrências de futuro e condicional nos textos analisados

Os números mostram o peso relativo das ocorrências de futuro como marcador de factos relatados, na imprensa portuguesa. Como foi já referido, por servir para relatar factos, ou seja, processos localizados temporalmente em relação à situação de enunciação origem, o futuro, na sua forma composta, é mais frequente, em textos noticiosos, que o condicional.

Nos textos da imprensa brasileira, a mediatização da enunciação faz uso, sobretudo, de fórmulas introdutórias do discurso relatado, na medida em que a frequência do condicional, apesar de superior à da imprensa portuguesa, não exhibe uma diferença estatisticamente relevante em relação a esta. Além disso, ao não ter os seus contextos de ocorrência limitados pelos do futuro (como sucede no português europeu), a localização temporal do con-

dicional em relação à situação de enunciação origem não é, aparentemente, muito clara.

Uma linha a seguir, na continuação deste trabalho, será a da quantificação e análise linguística das fórmulas de introdução do discurso relatado, em ambas as variantes do português, e o seu confronto com as formas de mediação enunciativa usadas nos textos das agências noticiosas que lhes deram origem, na sua maioria, em língua inglesa.

Referências

- Azzopardi, Sophie (2011). *Le futur et le conditionnel: valeur en langue et effets de sens en discours. Analyse contrastive espagnol / français*. Thèse de doctorat, Université Paul Valéry-Montpellier III.
- Dendale, Patrick (1993). Le conditionnel de l'information incertaine: marqueur modal ou marqueur évidentiel?. In Gerold Hilty (ed.), *Actes du XXe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes (Zurich, 1992)*. Tübingen: A. Francke Verlag, tome I, pp. 163-176.
- Dendale, Patrick (2012). Le conditionnel "journalistique", marqueur de modalisation en discours second: éléments d'archéologie grammaticale. In Sonia Branca Rosoff et al. (éds), *L'hétérogène à l'œuvre dans la langue et les discours. Hommage à Jacqueline Authier-Revuz*. Paris: Lambert-Lucas, pp. 229-248.
- Duarte, Isabel Margarida (2009). Futuro perfeito e condicional composto: mediativo no discurso jornalístico em português europeu e em português brasileiro. In Dermeval da Hora (ed.), *Anais do VI Congresso Internacional da Abralin (João Pessoa, 2009)*. [Disponibilizado online, URL: <<http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/13504/2/congressoabralinisabelduarte000071277.pdf>>. Consult. 2014-09-03]
- Giomi, Riccardo (2010). *Para uma caracterização semântica do futuro sintético românico. Descrição e análise dos valores do futuro do indicativo em Português e em Italiano*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Guentchéva, Zlatka (1996). Introduction. In Zlatka Guentchéva (éd.), *L'énonciation médiatisée*. Louvain/Paris: Éditions Peeters, pp. 11-18.
- Guentchéva, Zlatka (éd.) (1996). *L'énonciation médiatisée*. Louvain/Paris: Éditions Peeters.
- Haillet, Pierre Patrick (2002). *Le conditionnel en français: une approche polyphonique*. Paris: Ophrys.
- Kronning, Hans (2002). Le conditionnel «journalistique»: médiation et modalisation épistémiques. *Romansk Forum* 16, pp. 561-575.
- Martins, Ana (2010). Evidencialidade no discurso dos media. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* 5, pp. 235-245.

- Oliveira, Teresa (2013). *Valores de (inter)subjetividade na análise semântica: a marcação da distância*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- RAE (Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española) (2009). *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa. [Edição online, URL: <<http://www.rae.es>>. Consult. 2014-09-02]
- Squartini, Mario (2001). The internal structure of evidentiality in Romance. *Studies in Language* 25(2), pp. 297-334.
- Squartini, Mario (2004). La relazione semantica tra Futuro e Condizionale nelle lingue romanze. *Revue Romane* 39(1), pp. 68-96.
- Willett, Thomas (1988). A cross linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality, *Studies in Language* 12(1), pp. 51-97.